

RESENHA

WOLFF, Cristina Scheibe. *Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta. Alto Juruá, Acre. 1870-1945.*¹ São Paulo : USP (Tese de Doutorado em História Social) 1998, 284 p. **Resenhado** por: *LEITE, Miriam Lifchitz Moreira.*

Esta resenha origina-se da argüição pública da tese de doutorado epigrafada, realizada em 13 de abril de 1998.

Trata-se de um belo trabalho, para o qual as possíveis e discutíveis objeções servem, exclusivamente, para poder aprofundar a compreensão dos objetivos da autora e da leitura dos argüidores.

A História Social das Mulheres de uma região da Amazônia, onde predomina a atividade extrativa da borracha, foi tratada através do processo de ocupação da região por populações brancas, a partir da década de 1870. A tese vai dando visibilidade às mulheres, totalmente excluídas da Historiografia, tanto no processo de ocupação da região, quanto no enfrentamento da crise da borracha, quando foi preciso reaprender, com os recursos existentes, a sobreviver na floresta. Num contexto em que os índios eram vítimas de massacres constantes e as mulheres indígenas aprisionadas, vendidas e incorporadas à força aos seringais, como mulheres de seringueiros, a Autora problematiza as relações entre índias e seringueiros, apresentando a violência como uma linguagem que perpassa toda a sociedade.

A Introdução invoca a definição de vida de Dilthey, perfeitamente adequada ao campo pesquisado, onde os retalhos caóticos de vivência são organizados e ganham sentido e inteligibilidade através do engenho e arte do pesquisador atento.

No exame de qualificação o título do trabalho era **De Heveas e Seringueiras**, que foi transformado em **Marias, Franciscas e Raimundas**. A preferência pelo título anterior provém do respeito ao pesquisado, demonstrado no correr do texto. O plural atribuído aos nomes próprios, transforma-os em substantivos comuns, quando toda a tese

¹ Artigo sobre o tema foi publicado na Revista de Ciências Humanas da UFSC, n. 21, v. 15, abr. 97, p.91-108. ISSN: 0101-9589. Indexada internacionalmente por: Sociological Abstracts; Linguistics & Language Behavior Abstracts; Social Planning/Policy & Development Abstracts and Public Affairs Information Service, Inc.

volta-se para a visibilidade de agentes subentendidos, sublinhando sua individualidade, reagindo ou resistindo à violência. Além disso, o título anterior continha o prenúncio da dinâmica de acomodações e modos de vida das mulheres na região. Para a autora, contudo, o título anterior apresentava o inconveniente de propiciar a confusão entre a seringueira-mulher e a seringueira-árvore, enquanto o número dos nomes Maria, Francisca e Raimunda justificavam essa explicitação.

Algumas das comparações do texto pareceram menos penetrantes que os textos expositivos. É o caso das fronteiras dos alemães no Sul com a fronteira acreana (p. 79), cujos elementos divergentes superaram excessivamente os convergentes. Mas principalmente o da comparação entre as impressões do padre Tastevin, em 1913 e as da autora em 1995. Neste segundo caso, a condição feminina da Autora e sua situação de pesquisadora semi-oficial, num grupo da Universidade e as condições da reserva extrativista em 1995 eram fundamentalmente diferentes - se, se deixar de levar em conta traços de personalidade - que provocaram representações e sensações necessariamente divergentes (p.94). Estas condições davam à pesquisadora possibilidades muito diversas para enfrentar e compreender as situações, as pessoas encontradas e nelas provocar um acolhimento menos desconfiado e mais acolhedor.

A bibliografia levantada sobre a Amazônia foi considerada como transmitindo um clima “trágico”, a partir de Euclides da Cunha que o descreveu, “com a sua habitual força de expressão” - em **A Margem da História** - no contexto da disputa pelo território acreano, entre brasileiros, peruanos e bolivianos. O clima trágico não é da bibliografia, nem provém da força teatral da expressão euclidiana. Esta cuidadosa análise e interpretação das relações sociais e de gênero na floresta recriam o mesmo clima, talvez incendiado pelas chamas de Roraima.

Em contraste com o próprio clima trágico transmitido pelas palavras do texto sobre as difíceis condições de vida no isolamento das florestas, o clima tranqüilo e suave transmitido pelas cenas fotografadas - mesmo na cena sangrenta da jovem limpando a carne de veado, sentada no chão - é suficientemente forte para merecer um comentário alusivo.

Sob a orientação de uma das inspiradoras dos Estudos Históricos sobre Mulheres da Faculdade de Filosofia, a professora Maria Odila Leite da Silva Dias, a Autora cumpriu, em condições difíceis, com precisão e cuidado os prazos que as agências de financiamento de pesquisa vêm comprimindo para os trabalhos de pós-graduação.

Não se trata de mais uma tese, mas de um importante trabalho de História das Mulheres, por lidar com os papéis formais e informais, os modos de vida da população, da convivência sustentável com a floresta e da improvisação e desenvolvimento de técnicas e políticas para melhorar as condições de vida.

A partir da interpretação de textos lidos e de suas imagens recorrentes, de fontes documentais como processos crime e imprensa, de entrevistas e relatos refletidos em observações pessoais, conseguiu transmitir aspectos múltiplos e cambiantes das mulheres da floresta, utilizando a experiência pessoal de um ano na região como instrumento de crítica das fontes.

Com isso, conseguiu lidar com o passado a partir do presente, extraíndo um amplo entendimento de questões atuais que vêm preocupando os brasileiros conscientes. Realizou eficientemente o encontro das temporalidades (1913, 1945, 1995) pela categoria econômica da crise da borracha. Vislumbrou nesses momentos as condições de criação de novos modos de vida, transformando a mão-de-obra transumante do nordeste, que viera para a Amazônia para fazer fortuna, em seringueiros defensores da floresta. Analisou a diferenciação social perpassando práticas e crenças do sentido do trabalho doméstico e articulando-o com estratégias familiares e relações de gênero, sem deixar de lado as diversas formas que essas estratégias assumem na escala sócio-econômica regional.

Tarefa difícil e bem realizada foi atingir o equilíbrio com que apresentou sua posição diante das explicações para os preconceitos contra índios, mestiços, negros, mulheres e outros “despossuídos”, resultante do confronto entre índios e seringueiros no Alto Juruá. Sem se deter exclusivamente na exploração econômica dos desprivilegiados e diferentes, procura explicar os diferentes tipos de acomodação, associação, resistência e improvisação à violência dos mais fortes no interior da casa, na estrutura econômica e na estrutura judicial do Estado.

A historiadora Cristina Scheibe Wolff, orientada por Maria Odila Leite da Silva Dias, permite, neste trabalho, a compreensão do aparecimento de uma Senadora como Marina Silva, colaboradora de Chico Mendes, com força para promulgar o projeto de Lei Ambiental, de 28/01/1998, penalizando os crimes contra o meio ambiente, controlando o acesso à Biodiversidade Brasileira e defendendo os direitos dos índios, pescadores, extrativistas e agricultores à convivência sustentável com a floresta.